

TECNOLOGIA

Novos palcos, novas cenas

Arte milenar, o teatro se rende cada vez mais às novas tecnologias. Como recurso cênico e estético ou forma de divulgação, a tecnologia invade os palcos sem reservas

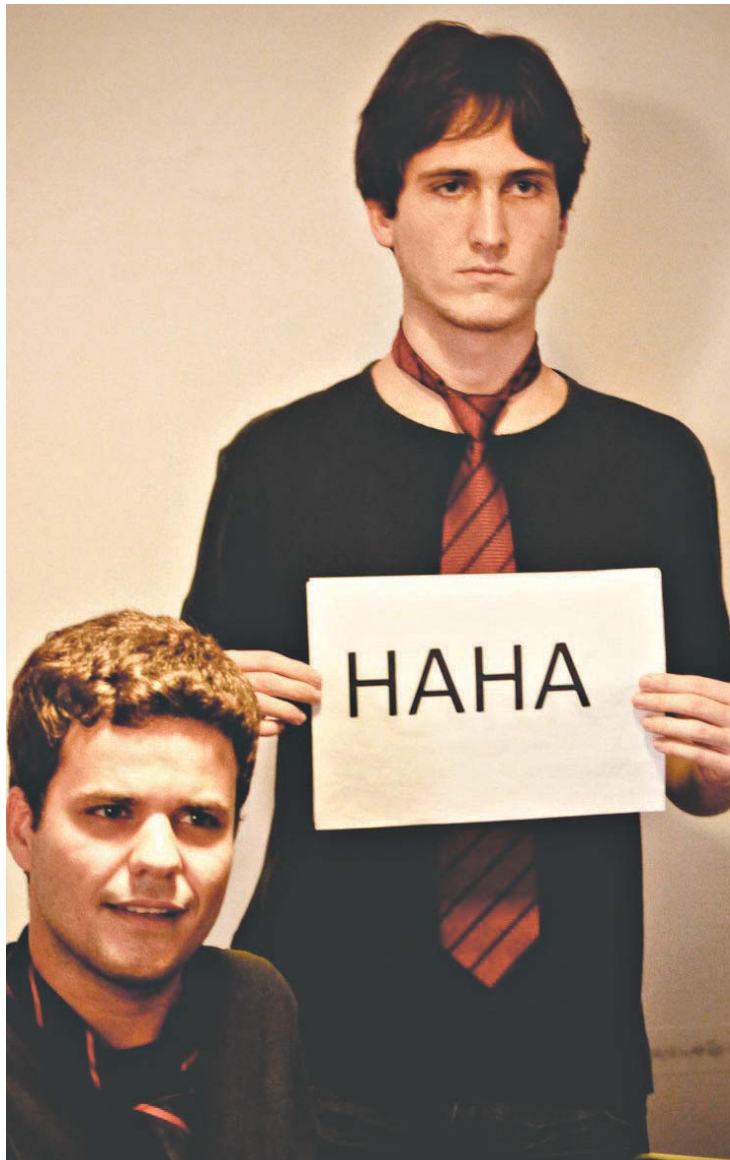
FÁBIO FREIRE
Repórter

As novas tecnologias estão aí. Não dá para negar. Elas modificam nosso cotidiano, a forma como percebemos e nos relacionamos com o mundo, o modo como nos comunicamos. Com a arte não é diferente. De um lado, afeta e revoluciona o cinema e a fotografia, artes que já nasceram tecnológicas, de outro, amplia as possibilidades da televisão e das artes visuais, modifica o consumo da música e abre demasiadas portas estéticas e comerciais.

O teatro, arte milenar antes baseada, essencialmente, na palavra e na atuação, também segue caminho semelhante e traz as novas tecnologias para o centro do palco. Seja como um rico recurso cênico que agrega valores estéticos e narrativos às peças, ou como um novo canal de divulgação para as artes cênicas, as novas tecnologias têm conquistado outros espaços em cena, trazendo questões e discussões que antes não estavam na esfera teatral.

Dessas experiências, nasce uma nova forma de teatro que convive harmoniosamente com a vertente mais tradicional, na qual o ator e as emoções em cena são insubstituíveis. “Este é um universo novo, de pesquisa, com iniciativas surpreendentes, belas intervenções e fracassos indescritíveis”, aponta a pesquisadora e crítica Tânia Brandão, também uma das curadoras do Festival de Curitiba, que depois de mais de dez dias de muitos espetáculos, termina hoje.

“Não acho importante, no entanto, a busca do novo pelo novo quando trabalho em pesquisa, curadoria, crítica ou análise histórica”, acredita Tânia. “Penso que existe um fato teatral, artístico e estético, que se sobre-



TEATRO PARA ALGUÉM: site propõe mistura de linguagens ao exibir peças teatrais pela internet FOTOS: ALESSANDRA FRATUS

põe a qualquer outro valor”, continua. Citando espetáculos como “Tomo as suas mãos nas minhas” (em cartaz no Rio, com Roberto Bomtempo e Miriam Freeland); “Simplesmente eu, Clarice Lispector” (no qual Beth Goulart assume a dramaturgia, direção, interpretação, concepção); e “Alma imoral” (arquitetada pela atriz Clarisse Niskier), a pesquisadora afirma que nada substitui uma montagem densa e simples ou o trabalho criativo de um ator. “São obras em que a cena acontece, apaixonada, arrebatada, sem quaisquer recursos ou recursos de tecnologia, fora o roteiro da iluminação, construção de cenário etc...”

Para Tânia, não há dúvida de que o futuro ronda a cena teatral atual. “Quem sabe se, em lugar de panos e telas de seda, veludo, algodão, voile ou nylon,

FIQUE POR DENTRO

LINKS TEATRAIS

O TEATRO contemporâneo está na rede. São vários os sites, portais e blogs que propõem discussões e trazem a cena teatral para o universo virtual. Entre alguns sites que colocam o teatro na rede estão: www.ninepeoples-favoritething.wordpress.com, de Leandro Giglio e Charles Fouquet (RJ); www.moellerbotelho.com.br, de Claudio Botelho e Charles Moeller (RJ); e www.antaprofana.com.br, de Sebastião Milaré (SP). Um site específico de pesquisas sobre a relação entre teatro e novas tecnologias é <http://la-caserna.net/index2.php/robertlepage/>, de Robert Lepage, com pesquisas que ecoam no Brasil.

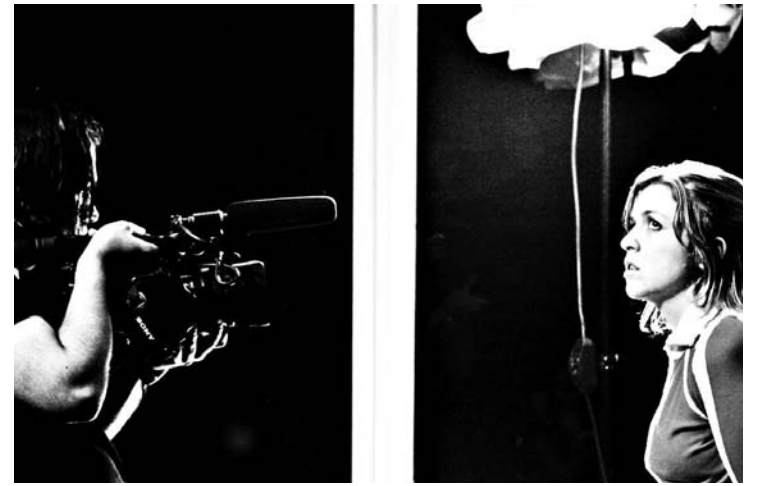
pesadas madeiras e ferros, pregos, demãos de tintas, os palcos dos nossos filhos e netos terão apenas camadas de luzes e sombras, feixes de projeções inefáveis, sutis e desmaterializadas, mas consistentes em seu convite à ilusão, como as emoções humanas?”, lança a pergunta.

O crítico Celso Curi, também curador do Festival de Curitiba e um dos responsáveis pelo site Guia Off de Teatro, concorda. “A tecnologia é uma ajuda bastante interessante na criação de um espetáculo teatral, principalmente quando se fala em teatro contemporâneo”, afirma o crítico. “Ela oferta novas propostas, mas é também apenas um artifício, como a luz, a cenografia, música etc. É uma ferramenta a mais que faz o público viajar no que está acontecendo”, continua Celso.

Curi usa como exemplo de um bom uso da tecnologia em cena o trabalho chileno “Sin Sangre”, apresentado no Festival de Curitiba do ano passado. “Em uma mistura de teatro e cinema, a peça faz uso de uma tecnologia de projeção que possibilita que os cenários vão se modificando e propõe uma conversa entre tecnologia e artes cênicas bastante interessante”, cita.

Mas, assim como Tânia Brandão, Curi discorda do uso da tecnologia sem uma proposta definida. “Usar por usar é uma bobagem”, dispara. “Às vezes, um ator e um refletor são suficientes em cena e conseguem emocionar o público. A tecnologia é um elemento complementar ao que se está assistindo. Se bem utilizada, pode ser maravilhoso, se a presença dela é mais forte do que a ação, a tecnologia desvirtua a cena”, opina.

O crítico também cita o exemplo do site Teatro para Alguém, que busca divulgar o teatro por meio da internet, disponibilizando peças para serem assistidas na rede. “Eles propõem uma nova tecnologia. As peças são encenadas ao vivo e podem ser vistas depois, no arquivo do site”, explica. “Não é cinema, não é teatro, é uma coisa híbrida”, conceitua. “É uma outra linguagem que surge por meio de um novo canal. É um novo elemento dramaturgicamente. Acho que estamos espiando uma coisa nova nascer”, dispara Celso. ■



ESQUECENDO WIMBLEDON: espetáculo de Rafael Vogt Maia Rosa, em exibição no Teatro para Alguém FOTOS: ALESSANDRA FRATUS



BASTIDORES DE FILMAGENS da peça “Anúncio”, de Richard Haber, com direção de Danilo Marques FOTOS: CACÁ BERNARDES



CORPO ESTRANHO: antinovela escrita por Lourenço Mutarelli especialmente para o Teatro para Alguém FOTOS: ALESSANDRA FRATUS

Teatro de linguagem híbrida

Em um teatro convencional, o sinal toca três vezes, as luzes se apagam, e o espetáculo entra em cena de forma contínua, sem interrupções, finalizando apenas quando as cortinas se fecham, o público se levanta e aplaude. Um teatro ao vivo e corpo a corpo, o público e os atores dividindo o mesmo espaço e o mesmo tempo. Coisa do passado. Hoje em dia, com os avanços tecnológicos, o teatro presencial cede espaço para uma nova experiência. Público e espetáculo não precisam compartilhar o mesmo espaço, muito menos uma encenação precisa ser conferida ao mesmo tempo por todos da plateia. Tempos modernos que se abrem em muitas possibilidades e vertentes.

Essa é a proposta do site Teatro para Alguém. Servir como um novo canal teatral que visa a democratização do teatro, atingindo um público mais amplo e ávido por novidades teatrais, ou que queira desbravar esse mundo. Com uma ideia e texto

ESTRUTURA DO SITE

➔ O TEATRO PARA ALGUÉM é estruturado no formato de uma casa, cada compartimento exercendo uma função:

➔ GRANDE SALA - exibe minissérie semanais;

➔ SÓTÃO - apresenta textos teatrais em temporadas mensais e estreias transmitidas ao vivo;

➔ SALA DE ESTAR - apresenta textos literários e textos teatrais de até 10 minutos em temporadas mensais ou estreias transmitidas ao vivo;

➔ OUTROS ESPAÇOS são o banheiro (um blog aberto para comentários); o quarto (memórias e fotos dos espetáculos) e porão (arquivos dos espetáculos já exibidos);

➔ HOJE, o Teatro para Alguém (www.teatroparaalguem.com.br) transmite ao vivo, dentro do Festival de Curitiba, o espetáculo “Deve ser do Caralho o Carnaval em Bonifácio”, com texto de Mário Bortolotto, às 12h.

dramaturgicamente na cabeça, um palco montado na sala de sua casa e uma câmera na mão, a atriz e diretora Renata Jesion, da Cia. Auto-Mecânica de Teatro, idealizou o Teatro para Alguém e abriu uma série de novas portas para a cena teatral.

“Nossa ideia é não ser um mero registro teatral”, começa Renata. “O que fazemos é misturar linguagens, do teatro, do cinema, da televisão. Uma linguagem híbrida que mistura formatos, mundos e gêneros distintos”, conta. O resultado é algo que tem conquistado espaço (o site é um dos indicados ao Prêmio Shell de Teatro desse ano, na categoria Projeto Especial), mas que ainda não foi categorizado e nem tem nome.

“A gente não sabe onde vamos chegar. Ainda estamos batendo a cabeça e aprendendo uns com os outros”, explica Renata, que começou o projeto há um ano e meio em busca de respostas para uma série de inquietações relacionadas às variáveis que fazem o público ir (ou não)

conferir uma peça.

Dessas inquietações, surgiu a ideia de filmar peças, em planos sequências e apenas uma câmera em punho, e exibi-las ao vivo na internet, podendo depois ser acessadas por meio do arquivo do site. Experiência que tem dado certo, o site já tem uma espécie de série em cartaz (“Corpo Estranho”, escrita pelo quadrinista e escritor Lourenço Mutarelli) e um punhado de encenações arquivadas em seu porão (o formato é de uma casa).

Para Renata, o maior desafio, no entanto, além de conseguir patrocínio (o site é independente), é encontrar um lugar para a câmera. “Nossa brincadeira é a câmera ser o ator ou buscar o olhar do espectador, mas um espectador diferente daquele do cinema”, afirma. “Esse é nosso grande desafio e também nosso grande achado: o movimento que essa câmera busca”. Entre cinema, televisão, internet e teatro, uma regra, porém, é básica. “As atuações são sempre teatrais”, decreta Renata. (FF) ■